

---

## ADOLESCÊNCIA, LITERATURA E CULTURA HIPERMIDIÁTICA

Adolescence, Literature and Hypermedia Culture

José Nicolau Gregorin Filho<sup>1</sup>

**RESUMO:** Percebe-se, pela observação de sua trajetória, que a chamada literatura juvenil sempre esteve altamente vinculada a fatores sociais, históricos e culturais, fatores esses também responsáveis por mudanças nas concepções de ensino e nas práticas pedagógicas. Evidente que, no desenvolver dessa discussão, também se faz necessária uma investigação acerca da juventude como fator de identificação social e, nesse sentido, as formas de surgimento do termo “adolescência”. Pretende-se, desse modo, promover um debate sobre a concepção de adolescência e as transformações da literatura para jovens no Brasil e sua relação com momentos políticos e sociais. Neste texto, serão enfatizados estudos sobre tipos de leitor e de leitura, bem como os desafios de formar leitores (tanto professores como alunos) num mundo imerso nos conflitos gerados pelo uso indiscriminado das novas tecnologias da informação.

**PALAVRAS-CHAVE:** Adolescência, Leitura, Literatura, Cultura Hipermediática

**ABSTRACT:** It can be seen from the observation of its trajectory that the so-called young-adult literature has always been highly related to social, historical and cultural factors, which are also responsible for changes in teaching conceptions and pedagogical practices. For the development of this discussion, it is evident that it is also necessary to investigate youth as a factor of social identification and, in this sense, the forms of emergence of the term “adolescence.” Thus, it is intended to promote a debate on the conception of adolescence, the transformations of the literature for young people in Brazil, and its relationship with political and social events. In this text, studies on types of readers and reading will be emphasized, as well as the challenges of training readers (both teachers and students) in a world immersed in conflicts generated by an indiscriminate use of new information technologies.

**KEYWORDS:** Adolescence, Reading, Literature, Hypermedia Culture

As mudanças ocasionadas pelo uso das tecnologias digitais têm ocorrido de maneira muito rápida em razão das facilidades que podem oferecer no que diz respeito à agilidade de comunicação. Vê-se que as redes sociais acabaram por se tornar o principal meio de comunicação entre jovens

---

<sup>1</sup> Professor dos cursos de Graduação e Pós-Graduação em Letras da Universidade de São Paulo.

e adultos, e têm substituído a chamada mídia tradicional na divulgação de vários produtos para consumo, lazer e mesmo prestando-se a comunicados oficiais de governos de todas as esferas.

Será que toda essa tecnologia está sendo utilizada no intuito de aproximar as pessoas e, mais ainda, de aproximar adultos e jovens da cultura e, mais especificamente da literatura? Como a literatura, uma forma de aquisição de conhecimento por meio da arte, tem sobrevivido a esse universo de informações em tempo real? Essas questões são basilares nesta proposta de reflexão, pois há uma preocupação:

A civilização dita tecnológica ou pós-industrial está em vias (e já dissemos bastante!) de sufocar em todo o mundo o que subsiste das outras culturas e de nos impor o modelo de uma brutal sociedade de consumo (ZUMTHOR, 2014, p. 128).

Posto isso, o objetivo deste breve texto é refletir sobre de que maneira a literatura produzida para os jovens vem sofrendo interferências das novas tecnologias da informação e como as relações sociais têm vivenciado esse tipo de texto por meio das redes sociais. Pode-se notar que essas experiências têm ocasionado grande repercussão no ambiente escolar de forma muitas vezes negativa para a formação dos leitores e para a educação do olhar para a arte, por isso, retoma-se a seguinte questão de Chartier (1998, p. 256): “o ‘mesmo’ texto, idêntico em sua letra, não é o ‘mesmo’ se mudam os dispositivos de sua inscrição ou de sua comunicação”?

Esta proposta de reflexão parte de alguns pressupostos já elencados por vários estudiosos da área, ou seja, de que não se pode estudar ou mesmo olhar para uma literatura de modo apartado de todo o contexto cultural que a produziu, e que cultura e literatura interagem no sentido de uma retroalimentar a outra, num constante diálogo entre a vida social e as representações artísticas e literárias. Então, pergunta-se de que maneira e com quais estratégias a formação de leitores literários pode ser mais eficaz nessa época de mudanças substanciais nas relações sociais ocasionadas por essas novas tecnologias da informação e por novos suportes textuais que se dizem mais práticos e atrativos do que o livro impresso. Será que essa cultura hipermediática tem sufocado a cultura literária e, mais do que isso, tem prejudicado a formação desses leitores?

Quando se fala em literatura, fala-se de um tipo de texto que se utiliza predominantemente da função poética da linguagem, num uso metafórico da linguagem, não da linguagem utilizada de forma pragmática. O texto literário é um evento linguístico (ou híbrido, já que pode haver outras linguagens presentes em várias modalidades da literatura para jovens) que

remete à ficção e que comporta dois pontos de articulação: um que se refere ao contexto intrínseco e outro, extrínseco, que se refere às múltiplas interpretações possíveis em relação ao tempo da recepção, ou seja, um tipo de texto que deixa em aberto sua relação com o mundo, de tal forma que múltiplas interpretações possam ser dadas, de acordo com as leituras e de acordo com leitores, e épocas; numa reconstrução moldada por novas concepções estéticas e mesmo para novas possibilidades de enfileiramento de temas antigos.

Entendendo dessa maneira, a literatura pode ser tomada como um importante meio de conquistar conhecimento e, desse modo, vale questionar se as sociedades vivem mesmo a tão propagada era do conhecimento, se vivem imersas num mar de informações fugazes e, muitas vezes falsas, construídas apenas para atender a grupos em várias camadas do poder econômico ou político. Sabe-se que a literatura voltada para os jovens nasce e se transforma nos fazeres das próprias culturas e buscam, nessa manifestação artística por meio da palavra, transmitir às novas gerações seus sentimentos, suas emoções e os valores nos quais acredita por meio dessa criação estética que também se transforma nesse fazer social e na trajetória humana pela história.

Para que se entenda o público-alvo da literatura juvenil, há necessidade de que se adotem alguns pressupostos que se tomaram para essa discussão. O primeiro deles é entender a adolescência como concepção cultural e historicamente produzida. A juventude sempre foi a etapa mais carregada de ímpetos e paixões exacerbadas, mas no início do século XX essas características foram intensificadas por uma sociedade de consumo moldada principalmente após a II Guerra Mundial, tendo como principal agente o cinema hollywoodiano. Implantava-se, então, a adolescência como marca identitária de uma fase do amadurecimento humano e os traços de rebeldia típicos dessa etapa foram alimentados ainda mais pelo mercado de consumo que, sedento de novos nichos, acabou por trazer a figura da pré-adolescência no final do século XX.

Outro pressuposto é a existência de várias designações para essa etapa transitória entre a infância e a idade adulta. Há a categorização por faixa etária, mais próxima do termo “puberdade” utilizado pelas ciências da saúde, que se refere ao período de transformações físicas no corpo do indivíduo no seu processo de amadurecimento. A sociologia tem por hábito utilizar a concepção de juventude para a etapa que marca o período entre a infância e as funções sociais do indivíduo na fase adulta. Pela proximidade com as áreas da psicologia e da psicanálise, a educação utiliza-se do termo “adolescência”, cunhado pelas duas primeiras em razão de tal concepção dizer respeito às mudanças comportamentais e na personalidade do indivíduo

que está se tornando adulto.

Talvez por essas razões, na concepção de adolescência está embutida a ideia de fonte da eterna juventude e, por isso, apesar de existirem leis e estatutos estabelecendo limites para essas fases, o mercado teima em alargar esse período.

Ou seja, a multiplicidade das juventudes não se funda num vazio social ou num nada cultural, não emerge de uma realidade meramente diversa, ininteligível e esvaecida. Tem como base experiências sócio culturais anteriores, paralelas ou posteriores que criaram e recriaram faixas etárias e institucionalizaram o curso da vida individual – projetos e ações que fazem parte do processo civilizador da humanidade (GROPPO, 2002, p. 19).

Essas posturas são fundamentais para que se entenda a concepção de adolescência como cambiante e motivada por aspectos culturais, econômicos e mesmo por questões políticas, já que em várias sociedades inexistente esse momento tão cristalizado em sociedades ocidentais; ou seja, o indivíduo deixa de ser criança e torna-se adulto por meio de rituais de passagem, bastante comuns em algumas sociedades indígenas brasileiras. Por outro lado, em outras comunidades, questões econômicas fazem com que o jovem tenha responsabilidades de adulto, passando por essa etapa mergulhado no mundo do mercado de trabalho.

Além desses pressupostos, faz-se necessário lembrar a necessidade de entender a estreita relação entre literatura, história e cultura, já que o universo da ficção é alimentado pelo imaginário de uma determinada sociedade em determinada época, entendendo que algumas obras são capazes de representar aspectos humanos em todas as épocas e culturas, daí a existência dos chamados clássicos. Pensando mais especificamente na atividade de leitura, sabe-se que ela se configura como um diálogo entre leitor e texto e entre tempos e contextos às vezes bastante distantes, talvez daí a dificuldade de o jovem ler determinadas obras clássicas da literatura e compreender sua importância na construção do pensamento da humanidade e suas transformações através do tempo. Isso também mostra a importância de uma literatura para os jovens que motive a descoberta de novos textos e possibilidades de encontro com a arte, pois entender a literatura e a escrita é um ato interdiscursivo e intertextual é fundamental para entender-se como sujeito transformador na sociedade.

Além desses pressupostos, é preciso ter sempre em mente que:

A tendência a considerar a literatura infantil e/ou juvenil basicamente pelo que tem de infantil ou de juvenil é um perigo, uma vez que parte de ideias preconcebidas sobre o que é uma criança e um jovem e contribui para formar um gueto de autores reconhecidos, às vezes até mesmo consagrados, que não têm valor suficiente para serem lidos por leitores tão somente (ANDRUETTO, 2012, p. 60).

Pensando especificamente na literatura juvenil, nota-se que esse fato é muito comum nas escolas e mesmo no mercado editorial, pois determinados autores já com nome consolidado nesse segmento são adotados apenas pelo seu nome, sem que muitas vezes se leve em consideração a qualidade da obra. Há, em muitos casos, a escolha de lançamentos de um autor conhecido ou premiado, apenas em razão de o nome já ter figurado em listas de mais vendidos ou mesmo como ganhador de prêmios que, muitas vezes, não dialogam com o imaginário do jovem.

Como se colocou anteriormente, outro fato relevante é a promoção de autores e livros por grande quantidade de influenciadores digitais e profissionais que usam os canais da internet para divulgar escritores e arrebatam admiradores, tornando-se eles mesmos cânones pelo seu nome e número de acessos nos seus canais, não pela qualidade de suas obras e, às vezes nem as possuem, passam a ser escritores pelo sucesso que fazem nas redes sociais.

Há de se perceber o protagonismo da literatura para os jovens no espaço escolar para que se possa escolher adequadamente um livro para esse público-alvo. Para contribuir nessa difícil tarefa, há estudos que mostram diferentes tipos de leitor. Esses estudos já foram amplamente divulgados em várias obras por Nelly Novaes Coelho e Lúcia Santaella, cada uma focalizando os leitores por diferentes prismas. A primeira mostra uma tipologia de leitor, em função da etapa de alfabetização em que se encontra, e a segunda, as relações entre leitor e interação com o suporte textual.

Quanto à tipologia, elencada por Coelho (2000), de leitor, pode-se resumir da seguinte maneira, em função da etapa de sua competência linguística e textual, e seu amadurecimento psicológico: pré-leitor: (aquele que ainda não domina a modalidade escrita da língua, mas consegue ler outras linguagens, tais como ilustrações, cores e mesmo a textura do papel); leitor iniciante (leitor do início da vida escolar que inicia o processo de codificação/decodificação da linguagem verbal escrita e compreende melhor frases curtas e ordem direta); leitor em processo (indivíduo que começa a ampliar a leitura da linguagem verbal e consegue relacionar de modo mais abrangente esse tipo de linguagem com as outras linguagens presentes na

arquitetura textual). O leitor fluente seria aquele que já tem domínio mais amplo da linguagem verbal, consegue compreender períodos mais complexos e estabelecer relações da linguagem verbal com outras linguagens presentes no texto e mesmo perceber relações entre vários tipos de texto sobre um determinado assunto. O leitor crítico, última modalidade elencada pela autora apresenta-se como um leitor competente, leitor de várias linguagens e gêneros.

Importante lembrar que esta classificação não se adapta a faixas etárias, pois num país como o Brasil, diferentes são as realidades leitoras em função da localização geográfica e social do indivíduo, ou seja, nem sempre jovens da mesma idade compartilham da mesma experiência leitora, com as mesmas competências. Isso pode ser observado até mesmo numa mesma sala de aula, onde muitas vezes podem conviver diversos tipos de leitor, com diferentes competências e expectativas frente à leitura.

Considerando a relação com o suporte no qual o texto é veiculado e as relações entre leitor/suporte que ocasionaram profundas manifestações na atividade leitora, podemos encontrar em Santaella (2014) a seguinte classificação: o leitor contemplativo seria o intimista e solitário do período pré-industrial, aquele que encontra nas bibliotecas o ambiente ideal para sua relação solitária com o texto escrito. Há o leitor movente, aquele que surge após a revolução ocasionada pelo surgimento de grandes espaços demográficos, encontra-se em meio a múltiplos estímulos promovidos pelo hibridismo de linguagens. Esse leitor passa a ler textos em movimento, bem como se move nas grandes cidades e toma contato com textos enquanto se move. Na atualidade, pode-se encontrar o chamado leitor imersivo, aquele que adentra ao texto por meio das teias que o texto da internet proporciona, o leitor da hipermídia, entendendo hipermídia como:

Sistema de registro de informações informatizadas por meio de computador, que permite acesso a determinados documentos (com textos, imagens estáticas ou em movimento, sons, *softwares* etc.) a partir de *links* que acionam outros documentos e assim sucessivamente (NEIVA, 2013, p. 268).

E, por último, aquele classificado como leitor ubíquo, termo bem comum no universo da computação móvel, este é o leitor que vive imerso em tecnologias, recebe e envia várias informações ao mesmo tempo e, por isso, está tão imerso numa cadeia de comunicação que nem sempre age como sujeito consciente.

Há necessidade de se relacionar essas duas tipologias, pois há que se ter atenção em como os usuários/leitores de todas essas novas tecnologias da

informação podem ser classificados em função de sua competência linguística e textual, ou seja, será que esses leitores são críticos, será que eles conseguem refletir de modo satisfatório sobre todos aqueles textos que surgem diante das telas de seus smartphones e computadores?

Com o avanço da chamada conectividade, uma grande preocupação de pais e educadores está em garantir que as escolas sejam capazes de promover um ensino voltado às tecnologias, utilizando-se de recursos didáticos cada vez mais sofisticados. Lousas e livros são substituídos por telas inteligentes, ocupando espaços de debates sobre leitura de obras literárias, por exemplo.

Nas redes sociais, muitas discussões sobre temas e autores de literatura para a adolescência mostram total desconhecimento das obras e mesmo do papel de representação social característico do fazer literário e são, por isso, sem fundamento nos estudos acadêmicos. Percebe-se, como já foi mencionado, uma sociedade imersa na era da informação, da pós-verdade e das *fake News* e as últimas já chegaram às escolas com força total, promovendo a retirada de livros de circulação, principalmente desde meados de 2018.

Nessa sociedade movida pela criação de necessidades para o consumo em larga escala é importante que se pergunte para onde foram aquelas prazerosas rodas de conversa e a leitura dos livros de literatura compartilhados com irmãos e amigos, sempre com a recomendação de “tomar cuidado” para não estragar e muitos deles presenteados por pais e outros familiares, assim como se fazia com os discos.

Nessa época, que parece ter ocorrido há séculos tamanha a velocidade das transformações, pais sabiam o que filhos liam, pois liam os livros e tinham uma relação mais pessoal e estreita com seu grupo de amigos, com a escola e seus professores, mas sempre respeitando a formação daqueles que ensinavam seus filhos. Havia valorização da figura do professor e respeitava-se a sua formação para o desempenho dessa função, mas isso não se debate na maioria das discussões sobre qualidade de ensino feitas na atualidade.

Qual o papel da literatura nesse contexto de *smartphones*, *tablets* e *laptops*, universo onde a informação tornou-se protagonista desse universo tecnológico e consumista? Nesse contexto, a literatura pode se fazer muito presente, pois há várias páginas interessantes sobre o tema desenvolvidas por editoras, pesquisadores e grandes autores. Entretanto, basta um deles (seja um autor ou um livro) ser jogado na arena dos leões das redes sociais por uma quantidade ínfima de pessoas iletradas e desconhecedoras do papel da arte na vida social para que escolas tirem de circulação e uma turma de pais desavisados passem a criticar um autor muitas vezes premiado

internacionalmente. Vale ressaltar que, na maioria das vezes, isso é feito por pessoas que sequer leram a obra e talvez nem conheçam a biografia do autor, evidente. Esses indivíduos parecem os mesmos que faziam gestos nas arenas romanas para que se jogassem aos leões os gladiadores que não obtinham sucesso nas suas lutas.

Com uma infinidade de dispositivos tecnológicos à disposição e com tamanha rapidez no processo de comunicação, seria muito bom que pais, educadores e público em geral procurassem nomes realmente reconhecidos no meio acadêmico, editorial e escolar para tirar suas dúvidas sobre a qualidade de determinada obra ou o valor de um autor no universo literário. Essa atitude de solicitar opinião sobre livros, temas e autores seria de grande valia, pois evitaria situações parecidas com “queima” de livros e autores, muitas vezes promovidas apenas por uma frase ou uma suposta alusão a um tema sem que se verifique seu contexto, pois o contexto de uma obra de arte é fundamental para o seu entendimento, para entender o que nela se representa.

Se a literatura é arte, arte que se constrói pela linguagem e desse modo, ela possui o papel de questionar a sociedade e seus valores, de promover a reflexão por meio de um fazer artístico, num diálogo constante com o homem na sua caminhada histórica, de entender os conflitos humanos e essas novas tecnologias podem tornar a experiência leitora mais rica, por meio de vários recursos gráficos, por exemplo, elas não mudam o aspecto fundamental da arte da palavra, apenas ampliam possibilidades de suporte para os textos. Então, quando se pensa no papel da literatura nesse mundo conectado por redes sociais, há que se perceber sua mesma função há séculos, a função de questionar a sociedade e seus valores, de aparar as arestas dos preconceitos e de promover todas essas e mais outras discussões por meio da arte, num universo criado pela representação estética.

É preciso que se aprofundem estudos de caráter multidisciplinar para entender esses novos modelos de relação humana mediados pela tecnologia e que se tenham debates nas escolas e nos cursos de formação de novos professores a fim de que toda essa tecnologia à disposição não continue a transformar nosso tempo numa simples “era da informação”, em que aquilo que lemos agora não é apreendido e desaparece, já que a informação é rápida e fugaz, muitas vezes, desprezando a arte e a cultura de uma sociedade. Uma das possibilidades de pensar a mediação de leitura nessa atualidade fugaz e líquida, talvez seja adotar a seguinte postura:

É provável que, do ponto de vista educativo, mediar, na era das tecnologias digitais, implique enfrentar o desafio de se mover com engenhosidade entre palavra e imagem, entre o livro e dispositivos digitais, entre a emoção e a reflexão, entre o

racional e o intuitivo (BALESTRINI, 2010, p. 35-46).

Então, é urgente que se busque conhecimento, elemento indispensável na construção do ser humano e fundamental para que a sociedade prossiga sua caminhada. Para isso, a literatura é um recurso indispensável para vivenciar o humano pela voz e pelas ações de personagens que habitam na arquitetura de grandes textos, independente do suporte onde ela é veiculada, mas enriquecida quando se trata do público infantil e juvenil pois, como se comentou, há inúmeras possibilidades de expressão com o crescente avanço da arte digital.

Nessa época chamada de pós-moderna, há que se perceber que todas as atividades de leitura construídas pela humanidade na sua viagem pelo tempo estão presentes, nas ações executadas pelos leitores da atualidade no momento da leitura. Desenrolar um pergaminho, virar as páginas de um livro e mesmo pegar um tablete de argila nas imensas bibliotecas da antiguidade são performances de leitura executadas pelos leitores na atualidade quando escolhem de que maneira vão ler nas telas de seus aparelhos e o nome de um deles até remete às antigas bibliotecas de Babilônia e Alexandria: o *tablet*, agora não mais produzido de argila ou pedra.

Entendido esse contexto, os pais devem promover um ambiente onde impere a liberdade de pensamento e de aprendizagem e, acima de tudo, precisam procurar pesquisadores e profissionais da educação para tirar suas dúvidas sobre aspectos das práticas pedagógicas e de livros adotados nos espaços escolares sem que tomem como verdade absoluta comentários de pessoas que se utilizam de redes sociais apenas para a autopromoção sem a devida formação na área. Por outro lado, cada vez mais os educadores e professores de mediação de leitura necessitam de formação sólida, adequada e contínua para estabelecer pontes mais eficientes entre os textos e os leitores, agora imersos em hipertextos e muitas vezes perdidos na ubiquidade dos processos de comunicação e da quantidade de textos que os envolvem.

Pensando como Todorov:

Hoje, me pergunto por que amo a literatura, a resposta que me vem espontaneamente à cabeça é: porque ela me ajuda a viver. Não é mais o caso de pedir a ela, como ocorria na adolescência, que me preservasse das feridas que eu poderia sofrer nos encontros com pessoas reais, em lugar de excluir as experiências vividas, ela me faz descobrir mundos que se colocam em continuidade com essas experiências e me permite melhor compreendê-las (2009, p. 23).

Escritas ainda na primeira década deste terceiro milênio, a resposta desse estudioso talvez consiga responder às questões de vários estudiosos de literatura frente a essas novas relações humanas permeadas pelas tecnologias da informação citadas aqui, isto é, o papel da literatura numa sociedade de consumo imersa em realidades virtuais. Talvez Todorov e Balestrini, aqui citados, tenham apontado caminhos para a leitura literária e sua importância na caminhada humana frente a esses novos desafios que se colocam diante da formação dos futuros leitores.

Tomar contato com as novas tecnologias é fundamental para os mediadores de leitura na formação dos leitores deste terceiro milênio. Formar leitores de diversos tipos de texto, formar leitores do mundo e leitores de outros sujeitos que se colocam à sua frente requer mais do que o treinamento apenas técnico para o uso dessas novas tecnologias, junto com esse treinamento está colocado o desafio de mostrar aos jovens a possibilidade de conviver com o outro num universo real, num universo que não se deleta com o simples toque de uma tecla. Essa possibilidade de formar novos leitores está no entendimento de que esse indivíduo, o leitor que se forma, pode estar convivendo com a ubiquidade de textos que se colocam à sua frente e ele mesmo ocupando diferentes lugares sociais em universos virtuais bem distantes daquele espaço físico onde a atividade de leitura ocorre na escola:

Entre a criança que se foi e o adulto que ainda não chega, o espelho do adolescente é frequentemente vazio. Podemos entender então como essa época da vida possa ser campeã em fragilidade de autoestima, depressão e tentativas de suicídio (CALLIGARIS, 2010, p. 25).

Para finalizar essa proposta de reflexão, já que não se pretende esgotar assunto tão amplo e controverso, pensar na formação de leitores jovens na atualidade pode ser pensar sobre o resgate do afeto, afeto esse que se encontrava ao folhear de um livro e na degustação de palavras tecidas pela arte do texto literário, afetos que envolviam a atividade leitora com grupos de amigos e familiares. Além desses vários momentos de trocas afetivas, talvez seja importante a razão para discernir aquilo que se apresenta ao jovem nas telas de seus aparelhos eletrônicos facilmente acessados por um simples deslizar dos dedos nas telas, visto que essas mãos ainda não possuem a segurança da idade adulta.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRUETTO, Maria Teresa. *Por uma literatura sem adjetivos*. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.

BALESTRINI, Mara. *El traspaso de la tiza al celular: Celumetrajés en el proyecto Facebook para pensar con imágenes y narrativas transmedia*. In: *El proyecto Facebook y la Psuniversidad. Sistemas operativos sociales y entornos abiertos de aprendizaje*. Buenos Aires. Ariel/Fundación Telefônica, 2010, p. 35-46.

CALLIGARIS, Contardo. *A adolescência*. São Paulo: Publifolha, 2010.

CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros – leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora da UnB, 1998

COELHO, Nelly Novaes. *A Literatura Infantil*. São Paulo: Moderna, 2000.

GROPPO, Luís Antonio. *Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

NEIVA, Eduardo. *Dicionário Houaiss de comunicação e multimídia*. São Paulo: Publifolha, 2013.

SANTAELLA, *Navegar no Ciberespaço. O leitor ubíquo e suas consequências para a educação*. In: Patricia Lupuion Torres. (Org.). *Complexidade: Redes de Conexões na produção do conhecimento*. Curitiba: Kairós Edições, 2014, v. 1, p. 27-44.

TODOROV, Tzvetan. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.

VERSIANI, Daniela; YUNES, Eliana; CARVALHO, Gilda. *Manual de reflexões de boas práticas de leitura*. São Paulo: Editora UNESP; Rio de Janeiro: Cátedra Unesco de Leitura PUC-RIO, 2012.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

Data de recebimento: 15 jun. 2019

Data de aprovação: 10 set. 2019